

O IMPACTO DA INDUSTRIALIZAÇÃO NO TRABALHO DA MULHER NO NORDESTE DO BRASIL (*)

Neuma Aguiar

INTRODUÇÃO

O pressuposto central deste trabalho é o de que a industrialização se adequa a várias modalidades de organização social da produção. Podemos contar, entre estas formas, sistemas híbridos rurais e industriais como certos tipos de "plantations" e "haciendas". (1) Postulo, conseqüentemente, que em alguns sistemas de produção existe uma relação de complementariedade entre atividades agrícolas e industriais. Esta afirmativa demanda uma revisão na forma de pensar o impacto da industrialização sobre o contexto rural. Acreditamos que algumas características da organização social até agora tidas como rurais, ajustam-se também à indústria. Indústrias com recorrência organizam-se de acordo com uma estrutura familiar. Não me refiro aqui apenas ao caso freqüente da composição familiar do capital de empresas. Refiro-me à organização familiar do trabalho na indústria, que mantém o papel de trabalho da mulher com relação ao trabalho do homem em posição relativa à que estes papéis detêm na organização familiar do trabalho rural. Para demonstrar esta proposição sobre a organização social da produção industrial e o sistema de papéis masculinos e femininos nela envolvidos, analisaremos primeiro a literatura

(*) Trabalho apresentado na conferência Perspectivas Femininas sobre as Ciências Sociais na América Latina, Instituto Torcuato di Tella, Buenos Aires, 18-23 de março de 1974.

sociológica que parte do pressuposto contrário, isto é, que a industrialização revoluciona as modalidades rurais da organização social, tais como o papel da família e a posição social da mulher no trabalho. Discutiremos em seguida os dados de uma pesquisa que realizamos sobre a divisão do trabalho em sistemas de produção que utilizam tecnologias de complexidades diversas e os respectivos sistemas de estratificação social em uma área do sul do Ceará situada no Nordeste do Brasil. Estes dados permitem apontar as falhas existentes na teoria da revolução industrial quando transplantadas para aquela região, e sugerir explicações alternativas em substituição daquela. (2)

Industrialização e Mudança Social

Um modelo comum usado nas teorias de desenvolvimento social consiste em tomar como ponto de partida dois tipos ideais: um rural-tradicional, por vezes também denominado de feudal, e outro, em um estágio de evolução mais alto, capitalista ou moderno industrial. O mais evoluído encontra-se em uma posição de relativa autonomia, o outro em relativa dependência. Inovações técnicas induzidas pelo sistema desenvolvido no subdesenvolvido geram distúrbios tirando-o de seu estágio de integração originário. Tais distúrbios podem impulsionar o sistema subdesenvolvido para outro estágio de integração que o assemelhará ao sistema desenvolvido. A nova integração, contudo, poderá ocorrer apenas a longo prazo. (3)

Um exemplo de aplicação deste modelo com relação à família é oferecido por Smelser que analisa tanto a indústria quanto a família como sistemas sociais. Propõe que a industrialização induz mudanças no sistema familiar ao gerar descontentamentos na economia da família. Sugere ainda que após as insatisfações novos ajustamentos são obtidos, de tal forma que a agitação é canalizada para uma estrutura mais em harmonia com a nova sociedade industrial. O autor também afirma que os dissabores apenas se originam quando há uma quebra da comunidade fabril, aparecendo em seu lugar um sistema de anonimidade social. O aumento do tamanho das unidades fabris conduz ao decréscimo do sentimento de comunidade que antes predominava. (4)

Outros autores também discutem a relação entre família e industrialização. Goode coloca em dúvida alguns pressu-

postos da teoria ao mostrar que outras formas de organização familiar, como a comunal, são compatíveis com a industrialização. (5) Greenfield elabora crítica semelhante ao mostrar que a família nuclear pode preexistir à industrialização, sugerindo também a compatibilidade que a família estendida pode ter com uma estrutura urbano-industrial. (6) Estendendo ainda mais a crítica ao modelo sistêmico, consideramos limitado o tratamento que este oferece à interação entre atividades agrícolas e industriais. Para o problema que estamos tratando, a teoria que criticamos postula que a industrialização modifica os padrões da estrutura familiar, em conseqüência disto, a industrialização modifica o papel da mulher conferindo-lhe uma posição social mais alta.

A teoria marxista também refere-se ao impacto da mudança tecnológica no papel da mulher. (7) Levando em consideração uma série de proposições levantadas por Marx nas *Formações Econômicas Pré-Capitalistas* e no *Capital*, encontramos a explicação de que, ao lado da acumulação do capital e do despojamento do trabalhador de suas condições de produção e reprodução, aparecem transformações na organização social da produção que são criadas pela técnica. Não relembremos aqui a teoria que Marx desenvolveu sobre as transformações de modos de produção até o sistema capitalista. Basta fazer referência às proposições do autor sobre a passagem do artesanato para a manufatura e desta para a grande indústria, quando ocorreram transformações no sistema de cooperação. O trabalho individual foi substituído pelo coletivo, introduzindo-se uma divisão técnica no trabalho. O papel da força humana impulsionando os instrumentos de produção continua a ser importante na primeira das duas passagens, pois nesta etapa de evolução e mudança, onde prevalece a manufatura, ainda não se deu a introdução do motor. A especialização das atividades que o sistema de cooperação engendra, permite o desenvolvimento de uma hierarquia no trabalho de acordo com o grau de especialização técnica. Marx postula ainda que, com a introdução do motor, na força externa ao homem, o papel desempenhado pela força humana diminuiria. Esta modificação importante na organização da produção é vista como favorecendo o emprego da mão-de-obra feminina e infantil no lugar, ou em adição à mão-de-obra masculina. A introdução do motor também é vista como proporcionando uma redução da necessidade de mão-de-obra especializada, e portanto tornando

menor a distância entre as camadas sociais geradas pela manufatura. (8)

Minha objeção às proposições desta teoria é baseada no sistema de estratificação que se constitui, pois a indústria não abole o uso da força física, mantém e por vezes amplia o sistema de estratificação social, apesar do uso do motor e cristaliza as diferenças de *status* entre os sexos.

Se tomamos como ponto de partida indústrias atuantes num meio rural, podemos observar que direta ou indiretamente os trabalhadores mantêm-se ligados ao campo. Setenta e seis por cento das mulheres e sessenta e três por cento dos homens da nossa amostra foram criados na área rural. Em um trabalho anterior descrevi estas formas de vinculação do trabalho industrial à agricultura. (9) Um dos casos que compuseram a pesquisa que realizei no Cariri constava de uma fábrica situada em uma fazenda. Em outras fábricas os vínculos com a agricultura existiam, porém não eram tão acentuadamente óbvios quanto os da fábrica-fazenda. Tornavam-se claros, contudo, para o analista atento: trinta e quatro por cento dos trabalhadores industriais na amostra cultivavam roçados. Apontei, também, para a articulação entre trabalho industrial, trabalho artesanal e empresas domésticas, bem como para o papel do trabalho familiar nestas atividades de transformação. (10)

A relação que existe entre estas modalidades de produção que tomo como objeto de análise, vem ao encontro de alguns trabalhos recentemente desenvolvidos sobre "plantations" e campesinato. (11) Não só a palavra "plantation" possui ao lado da agricultura, um sistema transformador, como guarda em seus interstícios um campesinato, com quem reparte um mercado de bens de consumo estratificado. (12) Mais além, a estrutura de exploração da mão-de-obra mantida pela "plantation" com relação aos moradores, reproduz-se no campesinato como forma de exploração familiar. Tal como a "plantation" aloca aos trabalhadores pequenas parcelas de terra que são cultivadas pelas famílias, o chefe da família camponesa, ou o patrão, aloca aos trabalhadores pequenas parcelas de terra que são cultivadas pelos familiares. (13) Filhos e filhas trabalham alguns dias na terra do patrão, e alguns dias para si. (14) O trabalho mais pesado da família é reservado aos homens. (15) Estas condições se reproduzem na transformação dos bens da terra. A mesma família camponesa, como também a do morador, dis-

tribui trabalho e recompensas de acordo com o dispêndio da força humana. Veremos adiante que a distribuição das recompensas está ligada ao uso das habilidades e capacidades do corpo humano que contribuem para a subsistência da família. No campesinato e na empresa doméstica a utilização da força detém um lugar primordial no controle da produção dos bens de subsistência.

As condições da divisão sexual do trabalho nestas formas de organização social se reproduzem, embora sob forma diferente, no trabalho industrial. A pesquisa que realizei pode servir para verificar pressupostos como este que acabo de enunciar.

A Pesquisa

A pesquisa foi realizada no Cariri, área do Ceará, onde predomina uma estrutura rural composta principalmente de minifúndios, porém com a existência de alguns latifúndios. Esta zona sofreu dois processos de industrialização; um inicial, onde prevaleciam engenhos e beneficiadoras de algodão; um recente, com uma estrutura de sociedades anônimas, onde foram introduzidas maquinárias, as mais modernas, destinadas à produção de telhas, tijolos, farinhas, calçados, doces etc. . . Na área, existe ainda um crescente núcleo urbano que se constitui em centro comercial da região, possuindo também diversificado sistema artesanal. Algumas das indústrias, tanto novas quanto velhas, produzem artigos semelhantes aos do artesanato, vivendo com ele lado a lado. Procurei, com minha pesquisa, tirar partido desta coexistência, atentando para o processo de diferenciação interna de artesanatos, empresas domésticas, e de pequenas e médias indústrias que se destinam à transformação dos mesmos produtos, manufaturados do barro, do milho e da mandioca.

Realizei um trabalho de observação participante durante um período de seis meses nas empresas escolhidas, quando estudei duas indústrias de produtos cerâmicos e duas indústrias de farinha de milho. Além disto recolhi dados por intermédio de entrevistas e documentos sobre uma quinta fábrica, de fécula de mandioca, que havia fechado. Nas quatro primeiras foram aplicados 192 questionários. Outros 58 foram obtidos em 11 casas-de-farinha e 6 olarias, sendo que uma casa-de-farinha e uma olaria foram intensamente obser-

vadas. Dados adicionais posteriores sobre as duas últimas atividades foram obtidos com a ajuda de dois assistentes de pesquisa.

O estilo de observação que empreguei consistiu em um modo partidário de inserção no contexto da pesquisa. O partidarismo era dado pelo fato que possuo relações de parentesco na área. Isto, todavia, levava-me a possuir uma situação peculiar com relação à localidade, pois se por um lado as pessoas conheciam minha origem, meu comportamento extralocal era estranho aos seus olhos. O partidarismo também era composto pelo fato de interagir com homens em seus locais de trabalho, fatos inteiramente contrários às regras da comunidade sobre o comportamento de mulheres da área, que detinham o mesmo *status* civil que eu possuía. Meu comportamento constituiu objeto de surpresa e curiosidade, sendo resolvido pela posição final que me foi conferida pela comunidade, isto é, a de professora. Questionamentos de outra natureza sobre minha relação com a classe dominante, também surgiram, porém, não vou tratá-los aqui neste texto. (16) Fui indagada e averiguada sobre a mulher, relações de trabalho e relações familiares, na cidade onde eu morava. O questionamento surgiu principalmente nas fábricas e deuse independente da camada social e do sexo do interlocutor. A ambiguidade da minha posição motivou as mulheres em uma fábrica a exporem as dificuldades que tinham com relação ao trabalho e que eram provenientes do sexo. Suas queixas despertaram em mim, além do partidarismo que eu já possuía, mas que era prescrito, uma intervenção partidária, quando mostrei ao empresário que o fato de as casadas serem despedidas pela fábrica gerava descontentamento entre as mulheres.

Após o período de observação, foi elaborado um questionário com o linguajar local, que foi aplicado com a ajuda de entrevistadoras da própria região. Nem todas as empresas empregavam mulheres. Artesanatos e pequenas fábricas de telha e tijolos possuíam apenas mão-de-obra masculina. Deter-me-ei neste trabalho principalmente em dois tipos de atividades: Casas-de-Farinha e uma fábrica de produtos cerâmicos, de porte relativamente grande, a qual será denominada aqui: Cerâmica Grande. Embora manufaturem produtos diferentes, ilustram, de forma comparada, a divisão sexual do trabalho e os efeitos da industrialização. Escolhi para este trabalho a seção de prensas da fábrica. Como o

processo não fabril de transformação da mandioca em farinha também possui uma etapa de prensagem, esta escolha poderá melhorar o nosso ensejo de comparação. Buscamos não a semelhança entre atividades, mas a analogia entre formas de organizações sociais da produção diferentes. (17) Considero importante analisar a correspondência entre formas de organização social do trabalho e ideologias.

Ideologia e Atividade da Mulher no Trabalho

A ideologia sobre o papel da mulher com relação à família e ao trabalho aparece explícita na literatura de cordel. Parte desta literatura, que trata sobre a moral familiar e os tabus religiosos que se estabelecem a partir das relações familiares, foi por mim analisada em outro lugar. Na análise desta ideologia, utilizando o método estrutural, demonstrei a existência de um forte tabu que separa o domínio da comunidade e o do público. O afastamento da mulher do âmbito local, onde predominam as relações familiares, em busca de um contacto com o longínquo, onde homens e mulheres se encontram em interação face a face, provoca violentas sanções coletivas, despersonalizando a mulher, que adquire para a comunidade a posição e a forma de um animal. Essa violência é cometida, quando uma pessoa decide se rebelar contra as normas da comunidade. O rebelde contudo pode ser de ambos os sexos, a penalidade para o rompimento dos tabus, principalmente de natureza incestuosa, é violenta, quer se trate de homens ou de mulheres. (18)

A ideologia que prevalece nestas comunidades assemelha-se ao código honorífico que vigora em Cabília, no Mediterrâneo, e que foi tão bem descrito por Bourdieu. O autor analisa os círculos concêntricos de privacidade que lá dominam, e que têm como anel mais secreto a casa. Aí a mulher é o centro, isto é, deve ser uma boa dona de casa, e o homem deve proteger e velar sobre a intimidade de seu lar. O segredo mais importante diz respeito à esposa, pois está ligado à sua honra, sendo que os outros círculos concêntricos de segredo circundam a comunidade. Assim como a casa mantém relações de segredo para com o povoado, este mantém relações de segredo para com os outros povoados e a sociedade mais ampla. (19)

A segregação da mulher casada com relação a um lugar público como a fábrica é patente pelos nossos dados. Enquanto oitenta e três por cento das mulheres da amostra eram solteiras, apenas quarenta e três por cento dos homens detinham tal estado civil dentre o total de nossos 250 entrevistados. Se todavia separarmos os dados por tipo de atividades, vemos que nas Casas-de-Farinha encontramos uma proporção maior de mulheres casadas, que nas outras unidades de produção que selecionamos na amostra.

A ideologia da comunidade rural acerta-se bem com a ideologia nacional sobre o trabalho da mulher na indústria. A legislação dota a mulher de uma série de "privilégios" que são vistos pelas empresas como custos adicionais da produção.

Nas Casas-de-Farinha, onde não há legislação trabalhista, a qual apenas começa a ser sistematicamente estendida ao campo, a proporção de mulheres casadas labutando é grande, pois o trabalho da farinhada é organizado pelo seu dono que, como chefe de família, angaria a participação de familiares, vizinhos e amigos no trabalho. Apontaremos mais adiante para as tarefas masculinas e femininas da farinhada. Antes, contudo, quero examinar a relação da mulher solteira e da casada com a fábrica. O recrutamento para o trabalho não é feito pelo pai ou pelo esposo. Há pessoas da mesma comunidade que trabalham juntas na mesma empresa, porém não são necessariamente aquelas com quem são mantidas relações próximas.

Em uma das seções, as moças discutiram o seu papel de mulher face à família, à comunidade e à fábrica. Disseram que têm dificuldades em convencer seus familiares que deveriam trabalhar na empresa. Uma conta que o pai lhe deu uma surra imensa quando soube que ela e sua irmã desejavam trabalhar ali, esta última não tendo apanhado porque se escondera. Hoje em dia o pai acha bom que trabalhem na fábrica. Outras empregadas queixavam-se que os homens não queriam que as mulheres trabalhassem, como uma que está noiva e disse que o noivo não gostaria que continuasse trabalhando depois de casada, tendo porém esclarecido:

"O pessoal do lugar onde ele trabalha acha que eu devo continuar trabalhando. Eu preferia ficar, mas ele disse que não quer. Acho que dois ganhando dá para viver melhor."

QUADRO 1

Estado Civil e Sexo nas atividades estudadas

| ESTADO CIVIL | TOTAL DE ATIVIDADES (*) | | CASAS-DE-FARINHA | | CERÂMICA GRANDE | |
|------------------|-------------------------|--------|------------------|----------|-----------------|----------|
| | MULHERES | HOMENS | HOMENS | MULHERES | HOMENS | MULHERES |
| Solteiro | 43 | 83 | 40 | 57 | 43 | 98 |
| Casado | 54 | 13 | 60 | 33 | 54 | 2 |
| Separado | 1 | 2 | | 7 | 1 | — |
| Viúvo | 1 | 2 | | 3 | 2 | — |
| Não especificado | 1 | — | | — | — | — |

* Inclui os 250 questionários aplicados para todas as atividades e não apenas a soma dos obtidos nas Casas-de-Farinha e Cerâmica Grande.

A ideologia sobre o papel de trabalho da mulher apropriado à família e à comunidade restringe as oportunidades de trabalho das mulheres, enquanto que o fator econômico familiar legitima as aspirações de trabalho da mulher.

Outra mulher observou que as trabalhadoras acham ruim casar e sair da firma. Que seria bom se uma abrisse o precedente. Disse, também, que nunca havia discutido isto em reuniões, ou com supervisores, ou mesmo com a diretoria. Aceitou e justifica a política da fábrica ao achar que esta provém, em parte, do fato de ter havido o caso de uma mulher que ficou de namoro arrojado com um homem casado. Por causa disso acreditava que a diretoria havia resolvido não aceitar mais mulheres casadas. Outra mulher disse que os vizinhos fizeram uma campanha imensa contra as moças que iam trabalhar na fábrica. Apontava, contudo, para o fato de vários vizinhos estarem, agora, também, ali trabalhando.

Já uma outra afirmou que os homens não querem que elas trabalhem porque as querem só para eles, observando ainda que os homens suspeitam dos outros porque acham que tiram pilhérias com elas e não as respeitam. A moral do macho legitima as restrições ao trabalho da mulher.

A imposição de respeito à mulher é delegada aos homens. Quando indaguei à diretoria sobre a política de contratação das mulheres, esta disse, após delongas, que não contratava mulheres casadas por causa do trabalho noturno. Disse que na sessão da meia-noite poderiam surgir casos desagradáveis como acontecera com um dos supervisores do forno. Apareceram denúncias e a diretoria colocou várias pessoas observando o supervisor, as quais constataram que ele estava apalpando as moças. A diretoria arranhou-lhe um emprego em outra firma. Houve uma denúncia de que um outro supervisor apanhara a chinela de uma moça. O fato foi apurado e a mulher, considerada a fonte dos boatos, acabou sendo despedida.

A diretoria afirmou seu desejo de manter um sentido de respeito moral e sentimento comunitário na fábrica, tomando para si o papel de pai. Enfatizou também o gosto que derivava de empregar moças que tivessem parentes na firma, contratando-as para trabalhar no mesmo turno que os irmãos. Acrescentou ainda que a política da fábrica era a de favorecer um padrão de vida mais alto para as famílias locais, estimulando a contratação familiar para que os salários adi-

cionados favorecessem um padrão de vida melhor. Achava contudo que a presença de mulheres casadas trabalhando no mesmo turno que os maridos, seria maior fonte de conflito que as solteiras trabalhando ao lado dos pais e irmãos. Disse porém que o problema das mulheres casadas era geralmente controlado pelos maridos que não as deixavam trabalhar. Contou que havia uma casada que se separara recentemente, e que estava trabalhando na fábrica.

A posição da mão-de-obra que mora na comunidade próxima às fábricas e que se relaciona tanto com a indústria quanto com a agricultura coloca para as famílias uma indagação sobre o futuro, em termos da atividade que será a principal fonte de sustento local. A vida rural depende de famílias amplas. A mulher casada pare a mão-de-obra, vendo assim dificultadas ou impossibilitadas suas aspirações de trabalho na indústria. Os papéis familiares e de trabalho encontram-se em um dilema. Este é o verdadeiro foco do conflito.

Em visita recente à área, um dos diretores contou-me que a política da fábrica agora se abria para mulheres poderem continuar trabalhando após se casarem e até mesmo grávidas.

Existe, no meio fabril, um sistema de parentesco que o assemelha à situação das Casas-de-Farinha. O quadro 2 permite-nos situar bem as afinidades que existem entre os dois tipos de atividade.

Homens apresentam maior propensão a trabalhar em lugar onde não possuam parentes do que mulheres. Porém tanto um quanto o outro sexo possuem, de forma predominante, relações de parentesco no contexto da atividade de trabalho. No caso da Cerâmica Grande, a tendência ainda é mais acentuada pela própria política da fábrica. Note-se ainda que dentre as mulheres que têm relações de parentesco com outros trabalhadores, quarenta e um por cento têm parentes na mesma seção, dezessete por cento têm parentes na mesma seção ou em outra, e outros quarenta e oito por cento possuem todos os parentes em outra seção. As percentagens para os homens, na mesma ordem, são: quinze, vinte e cinco e sessenta por cento, demonstrando a tendência que existe entre as mulheres para tabalharem próximas aos seus familiares.

O sistema de controle familiar é transposto para as fábricas, embora detenha, neste caso, uma característica mais

QUADRO 2

Parentes na empresa e sexo entre as atividades estudadas

| N.º de parentes no ambiente de trabalho | TOTAL DE ATIVIDADES (*) | | CASAS-DE-FARINHA | | CERÂMICA GRANDE | |
|---|-------------------------|----------|------------------|----------|-----------------|----------|
| | HOMENS | MULHERES | HOMENS | MULHERES | HOMENS | MULHERES |
| | % | % | % | % | % | % |
| Não tem | | | | | | |
| parentes | 40 | 31 | 47 | 47 | 36 | 19 |
| Tem 1-2 | 32 | 37 | 29 | 43 | 35 | 35 |
| Tem 3-4 | 19 | 12 | 24 | 10 | 18 | 18 |
| Tem 5 e + | 9 | 20 | — | — | 11 | 28 |
| (T) | (160) | (90) | (17) | (30) | (104) | (57) |

* Inclui os 250 questionários aplicados para todas as atividades e não apenas a soma dos obtidos nas Casas-de-Farinha e Cerâmica Grande.

impessoal. O papel de chefia familiar, no contexto da fábrica, é dividido pelo pai de família com o chefe da empresa.

As relações de moradia e parentesco podem ser classificadas por sexo e de acordo com o tipo de atividade no quadro 3. Observe-se também que enquanto vinte e dois por cento das mulheres declararam que não ajudavam em casa dos pais com dinheiro, cinquenta por cento dos homens fizeram a mesma declaração.

QUADRO 3

Moradia e Sexo na Indústria e na Empresa Doméstica

| MORADIA | CASAS-DE-FARINHA | | CERÂMICA GRANDE | |
|-----------------------|------------------|----------|-----------------|----------|
| | HOMENS | MULHERES | HOMENS | MULHERES |
| Mora com Pai ou Mãe | 29 | 50 | 41 | 85 |
| Esposo ou Esposa | 65 | 23 | 53 | 2 |
| Só | — | — | 1 | — |
| Com parentes e amigos | 6 | 23 | 5 | 13 |
| Com patrão (T) | — | 4 | — | — |
| | (17) | (30) | (104) | (55) |

A reestruturação do modo de vida rural na indústria é também denotada por algumas variáveis objetivas que apontam para o papel relativamente inferior que a mulher desempenha, ao receber salários e benefícios sociais menores que os homens, tanto na empresa doméstica quanto na indústria.

Estratificação Sexual na Empresa Doméstica e na Indústria

Dificuldades, pelas variações que existem entre formas de remuneração do trabalho, impedem que façamos uma comparação global entre as atividades transformadoras que estudamos, pois em apenas alguns tipos de fábrica existe um sistema de remuneração salarial. A amostra incluiu 68% de pessoas que declararam receber salários. A distribuição de salários, em termos de pagamentos sob forma de mensalidades, demonstra que 51% das mulheres assalariadas da

amostra percebiam menos de 80 cruzeiros, enquanto apenas 20% dos homens percebiam tal salário. Quarenta e um por cento das mulheres recebiam entre 80 e 109 cruzeiros para 55% dos homens que percebiam a mesma soma. Oito por cento das mulheres recebiam acima de 110 cruzeiros, dois por cento percebiam entre 170 e 199 cruzeiros, porém nenhuma mulher encontrava-se no escalão mais alto de 200 cruzeiros e mais. Quanto aos homens, 25% ganhavam acima de 110 cruzeiros, (oito por cento localizavam-se no escalão de 200 cruzeiros e mais). Se tomarmos como critério de renda o preço das diárias de trabalho poderemos levar em consideração parte das atividades transformadoras que se associam às atividades rurais. Como nesta situação não há vínculos trabalhistas, o dia de trabalho ou a produção são bases de contagem para a emissão de recompensas. Estas também são realizadas em espécie. Em nossa amostra, 14% declararam perceber seus rendimentos em diárias, sendo 38% mulheres e 62% homens. Das mulheres, 46% percebiam 60 centavos diários e 54% 80 centavos. Nenhum homem caiu nesta faixa, 86% deles percebiam entre 2,00 e 2,90 cruzeiros diários; 10% entre 3,00 e 3,90 cruzeiros, 5% acima disto.

Em resumo, qualquer que seja a modalidade de pagamento, mulheres se localizam em posições mais baixas que os homens. A mesma discriminação se verifica em termos de benefícios trabalhistas: 66% do total de mulheres da nossa amostra não possuíam nenhum benefício, enquanto 46% dos homens detinham a mesma condição. Nas Casas-de-Farinha não havia nenhum detentor de benefícios, qualquer que fosse o sexo. Na Cerâmica Grande, 47% das mulheres entrevistadas não tinham benefícios, em comparação com 24% dos homens. Poderíamos aqui, talvez, ressaltar as diferenças entre as atividades transformadoras ligadas à agricultura e as atividades de transformação industrial. Não é minha intenção negar que estas diferenças existem, pois parte das fábricas do estudo recebia incentivos governamentais para o crescimento. A política de incentivos é incrementada com o pressuposto de que a industrialização proporciona melhoria de vida, favorecendo o aumento do número de empregos. A mobilidade ascendente dos operários também é estimulada, sendo o gozo de benefícios da previdência social um dos fatores que conta para esta ascensão. Aponto neste trabalho, contudo, para o que permanece apesar da política de incentivos.

Ao observarmos a posição social da mulher na sua relação de trabalho, verificamos que esta ocupa *status* mais baixo que o homem nas escalas de renda e benefícios trabalhistas. Com relação à educação, todavia, a situação é diferente. A mulher trabalhadora possui em média um grau de educação maior do que seus companheiros de ocupação, com a provável única exceção do estrato educacional mais alto que foi por nós considerado, e que se refere aos escalões de controle da produção. (20)

QUADRO 4

Escolaridade e Sexo na Indústria e na Empresa Doméstica

| ESCOLARIDADE | CASAS-DE-FARINHA | | CERAMICA GRANDE | |
|-----------------------|------------------|----------|-----------------|----------|
| | HOMENS | MULHERES | HOMENS | MULHERES |
| Não freqüenta | 47 | 2 | 10 | 40 |
| 1.º-2.º Primário | 47 | 38 | 48 | 57 |
| 3.º-5.º Primário | 6 | 42 | 25 | 3 |
| Ginásial e Científico | — | 18 | 17 | — |
| (T) | (17) | (57) | (104) | (30) |

O trabalho com a cabeça entre os trabalhadores braçais não é visto como muito importante, pois a leitura de pouco vale para aqueles que ganham a vida com a força física do corpo. Podemos entender agora porque o *status* de professora é aceitável como profissão feminina. O trabalho intelectual é considerado leve e fácil. A ideologia da força é citada por outros autores, no contexto de trabalho, e freqüentemente relacionada com as atividades de casas-de-farinha, onde os trabalhos considerados pesados como moer mandioca e mexer farinha no forno são restritos aos homens, os trabalhos mais leves são reservados à mulher. Esta ideologia é um dos componentes da ética do macho. Na prática, contudo, a mulher também realiza trabalhos pesados. A subsistência comanda as tarefas a executar. (21)

A análise do trabalho nas Casas-de-Farinha mostra que, embora a força e a resistência física sejam importantes, não é este o único valor que é levado em consideração no desempenho das tarefas decorrentes da divisão do trabalho. Se a produção é um bem, a técnica do corpo é o valor. (22) Não

é só a capacidade de fazer força, mas a sua forma de utilização que conta. O uso de habilidades é um critério levado em consideração pelos trabalhadores para avaliação das tarefas dos homens e das mulheres. A pesquisa demonstrou que há diversos critérios possíveis, e que as avaliações variam de acordo com o tipo de critério que se use, quer se trate da dificuldade da tarefa, a importância que tem, ou o grau de conhecimento que exige. As variações, contudo, são de pouca monta.

Analisaremos agora a divisão do trabalho que existe nas Casas-de-Farinha, e a avaliação que as ocupações recebem pela sua importância.

O processamento da mandioca é uma atividade intimamente ligada aos trabalhos rurais. A terra dividida e arrendada em contratos de parceria possui em geral, na sede dos terrenos, uma casa-de-farinha, onde os trabalhadores devem processar a mandioca. Em virtude do contrato de parceria quem arrenda a terra deve ao proprietário um dízimo da produção de farinha. Temos em jogo dois parceiros, um proprietário dos instrumentos de produção e um proprietário do produto, que comanda a força de trabalho para a sua elaboração. É o dono da farinha que recruta a mão-de-obra. Passamos a descrevê-la.

Há os trabalhadores que vão apanhar mandioca na roça, desenterrando-a com a enxada, e transportando-a no lombo de burro para a casa-de-farinha. O trabalho braçal é executado por homens que são pagos por diária. A raiz é então descascada por mulheres. Este trabalho é feito manualmente com o uso de facas. É pago por dia, sendo adicionalmente remunerado em espécie, com refeições. O produto descascado é moído pelo cavador, cujo trabalho, hoje em dia, é ajudado por motor. Encontram-se ainda, em alguns lugares, moagens movidas a braço humano, ocorrência, todavia, pouco comum no Cariri. Este trabalho é feito por homens, sendo geralmente remunerado por produção, porém há ocasiões em que é executado por mulheres. O produto é então levado para a extração de goma, por mulheres, de cuja habilidade depende um bom rendimento da produção. A goma é enxuta nos cochos e colocada para secar. Este trabalho é muitas vezes executado pelas próprias lavadeiras, porém não requer habilidade, constituindo uma atividade complementar ao resto do trabalho da farinha. A massa é prensada com o auxílio de prensas de madeira, acionadas pela força física de um homem, tra-

balho este que é remunerado por produção. A massa é então peneirada com o auxílio de uma peneira, sendo o trabalho executado por mulheres ou homens. Como na secagem da goma, este é um trabalho acessório, sem remuneração específica, podendo ser recompensado em diárias ou em espécie, com farinha, goma ou beiju (uma panqueca de mandioca). A massa é então torrada em um forno, trabalho este que demanda muita resistência física, pois envolve trabalhar dia e noite, em pé, junto ao calor, com um imenso rodo, com o qual se remexe a farinha até que esteja finalmente pronta. (23)

As ocupações das Casas-de-Farinha foram avaliadas pelos que aí trabalham. Foi-lhes oferecida a ocupação de carregar mandioca da roça para a casa-de-farinha como ocupação padrão, detendo o valor de 10, para avaliação, dos outros trabalhos que compõem a farinhada. As outras ocupações foram então rateadas, usando uma técnica desenvolvida por Robert Hamblin. (24) As medianas de todas as avaliações foram então obtidas. Os resultados aqui apresentados referem-se aos três critérios de julgamento que foram apresentados aos avaliadores.

Vemos que aquelas acupações masculinas às quais foram consignadas o maior valor são rateadas quase o dobro das femininas detentoras de menor valor. Observamos, contudo, que pelo menos uma ocupação feminina tem alto rateio (lavadora de goma). Quanto ao critério de conhecimento, a lavadeira tem mais arte que o carregador, porém, pela dificuldade ou importância, a arte é equiparada à força, note-se que a lavadeira também usa força para extrair goma da massa.

Torragem e prensagem requerem arte e força, porém, as ocupações envolvidas na farinhada não são classificadas exclusivamente em termos da força. Há uma abertura de mobilidade para a mulher, porém de natureza bem inferior à do homem, que tem para si caminhos abertos pela força e pelo conhecimento.

Poderíamos associar a esses fatores, um outro de natureza econômica, pois, se o preço da goma é maior do que o da farinha, uma medida de mandioca fornece mais farinha do que goma. Ante a insuficiência dos vários critérios para explicar o rateio mais alto das ocupações masculinas relativas às femininas, acreditamos que o fator mais importante

QUADRO 5

Mediana dos Rateios das atividades na casa-de-farinha segundo o conhecimento que a ocupação requer, a importância que tem e a dificuldade que apresenta.*

| Atividade | Sexo que a desempenha | Conhecimento | Importância | Dificuldade |
|-----------------------------|-----------------------|--------------|-------------|-------------|
| 1. Rapar | Mulher | 6 | 8 | 8 |
| 2. Peneirar | Mulher | 6 | 8 | 7 |
| | Homem | 6 | 9 | 7 |
| 3. Enxugar | Mulher | 8 | 7 | 7 |
| 4. Botar goma no sol | Mulher | 8 | 8 | 10 |
| 5. Tirar água na cacimba | Homem | 8 | 8 | 10 |
| 6. Apanhar mandioca na roça | Homem | 9 | 10 | 9 |
| 7. Lavar | Mulher | 10 | 10 | 10 |
| | Mulher | 10 | 10 | 10 |
| 8. Cevar | Homem | 10 | 10 | 10 |
| 9. Prensar | Homem | 10 | 10 | 10 |
| 10. Torrar | Homem | 16 | 15 | 15 |

* A ocupação tomada como padrão para julgamento foi a de carregador de mandioca da roça para a casa-de-farinha, com o valor 10.

seja o de que ao homem cabe o comando da produção nas Casas-de-Farinha.

Na fábrica que tomamos aqui como estudo de caso, o número de ocupações envolvidas é muito mais amplo que o de uma casa-de-farinha. Descrevemos apenas algumas daquelas relacionadas com uma seção, a das prensas. A fábrica produzia, entre outras coisas, ladrilhos cerâmicos que eram manufaturados através da prensagem do barro pulverizado e peneirado. Os ladrilhos prensados eram arrumados em caixas, também produzidas na fábrica, calçados com plaquetas, para que o produto cerâmico sofresse um bom processo de cozimento no forno. As plaquetas depois de usadas eram corrigidas na seção de retífica para novo uso. A arrumação das caixas era feita por encaixotadeiras. Na seção haviam carregadores de massa, encarregados de limpeza e um supervisor de seção, além dos trabalhadores envolvidos com o processo acima mencionado. Em épocas diferentes do dia circulavam na seção outros responsáveis pela supervisão e controle do trabalho, como o auxiliar de laboratório, o supervisor de produção e o diretor industrial.

A equipe de prensagem propriamente dita consistia em um prensista, uma pegadora de ladrilhos e uma encaixotadeira, assessorados por um carregador de massa, que trazia o barro da seção onde havia sido peneirado, e por um encarregado de limpeza. Esta era uma das principais seções da fábrica. As prensas variavam em qualidade, sendo umas mais rápidas que outras. Estabeleceu-se um prêmio por produção que ultrapassasse a metragem média de 8,5m² de material prensado por hora. As recompensas financeiras computadas mensalmente chegavam a cinquenta por cento do salário. Para as mulheres, a diretoria imaginava introduzir, como recompensa por produção, o prêmio de cortes de fazenda para a confecção de vestidos. Tal como na casa-de-farinha, mulheres teriam parte do seu ganho em espécie. Os dirigentes da fábrica haviam descoberto que o aumento da produtividade não dependia apenas do prensista, mas também de sua ajudante.

As avaliações das ocupações foram feitas tomando o trabalho de ajudante de mecânico com o valor de 10, como medida padrão básica para a avaliação das outras atividades. Foram obtidas avaliações com os mesmos critérios acima referidos com relação às ocupações da casa-de-farinha. Para a dificuldade das tarefas, contudo, foi apresentada uma lista

ampla, que não analisaremos neste trabalho. Tomaremos aqui a importância das ocupações. Tanto com relação à utilização deste critério, quanto com relação ao conhecimento exigido pelas ocupações foi apresentada uma lista menor referente apenas às tarefas que faziam parte do ambiente da seção.

QUADRO 6

Mediana dos rateios das atividades na seção de prensas da Cerâmica Grande, segundo a importância que a ocupação tem, e dois desvios típicos elicitados por uma representante do sexo feminino e um do masculino. *

| Atividades | desempenha Sexo que a | Importância | Desvio típico feminino | Desvio típico masculino |
|--|--------------------------|-------------|---------------------------|----------------------------|
| 1. Peneirador | Homem | 8 | 30 | 15 |
| 2. Classificadora de plaquetas | Mulher | 8 | 15 | 15 |
| 3. Retificador | Homem | 8 | 20 | 10 |
| 4. Encarregado de limpeza | Homem | 9,5 | 30 | 15 |
| 5. Ajudante de retífica | Homem | 10 | 25 | 12 |
| 6. Carregador de massa | Homem | 10 | 10 | 20 |
| 7. Encaixotadeira | Mulher | 10 | 20 | 12 |
| 8. Pegadora de ladrilhos | Mulher | 10 | 50 | 100 |
| 9. Prensista da prensa 5 | Homem | 10 | 15 | 12 |
| 10. Prensista da prensa 8 | Homem | 10 | 30 | 20 |
| 11. Prensista da prensa 11 | Homem | 10 | 40 | 20 |
| 12. Prensista de caixa | Homem | 12,5 | 35 | 20 |
| 13. Auxiliar de laboratório | Homem | 12,5 | 30 | 15 |
| 14. Supervisor ou encarregado de seção | Homem | 13,5 | 30 | 12 |
| 15. Supervisor do Dept. de Produção | Homem | 15 | 35 | 10 |
| 16. Diretor Industrial | Homem | 17 | 35 | 10 |

* A ocupação que foi apresentada como padrão de julgamento foi a de ajudante de mecânico, com o valor 10.

O quadro acima está composto não apenas pelas medianas das avaliações ocupacionais, como também por dois julgamentos desviantes que considerei típicos de um grupo minoritário, porém importante. Considerei necessário incluí-los no quadro para efeito de comparação e de interpretação dos dados. Percebemos que as ocupações importantes têm a ver com o controle da fábrica. As ocupações femininas eram em número de três: uma delas teve o rateio mais baixo, as outras duas tiveram o mesmo valor que o carreto de massa e um valor ligeiramente acima da ajuda à limpeza.

A estratégia de mensuração que empregamos, para efeito de minimização de erros, requer a apresentação aleatória das ocupações aos avaliadores, e a extração das medianas dentre todos os valores consignados a uma dada ocupação. (25) Este último recurso, no entanto, esconde variações que são incorporadas na categoria de erro. Ao lado da norma, tomarei o desvio, isto é, algumas das variações escondidas, pois um exame das avaliações individuais nos permite compreender melhor a natureza dos valores que foram consignados às atividades da seção. Algumas destas inferências, na verdade, já haviam sido sugeridas pelos dados qualitativos. De acordo com um trabalhador industrial, que antes havia sido vaqueiro e agora trabalhava como carregador, o trabalho mais importante da fábrica era o dele, trabalhando no pesado, pois isso era o que punha a fábrica para frente, afirmando ainda que os trabalhos maneiros qualquer um fazia, mas que ninguém queria saber de pegar no pesado. Dentre os 46 entrevistados da seção das prensas, 10 avaliaram o trabalho de carregador como tendo importância igual ou superior à do diretor industrial. Os dados contudo nos levam mais além. Seis desses eram homens e quatro mulheres. Observamos que uma ocupação feminina também apresenta desvio da mesma natureza. A ocupação de pegadora de ladrilhos registrou 18 valores (11 dados por mulheres e 7 por homens) que a ratearam igual ou acima à de diretor industrial. A razão variava de 1:1 até 10:1. Este fato não se deve a esta ser uma ocupação feminina, pois uma outra ocupação executada apenas por mulheres, a de encaixotadeira, apresentou apenas 7 avaliações que a ratearam igual ou superior ao diretor industrial. A explicação se deve ao fato do alto risco do corpo que a ocupação apresenta. Várias pegadoras de ladrilho perderam a falange na prensa, ao terem os seus dedos prensados quando iam retirar os la-

drilhos da máquina. Os acidentes diminuíram em escala, porém não se extinguíram com as medidas de segurança que foram tomadas pela fábrica. Captamos aqui um outro lado do culto do corpo, desta vez o apresentamos relacionado ao sexo feminino. Embora o valor dado ao controle da produção seja uma ideologia da fábrica que atravessa os trabalhadores, o valor ao corpo é dado àqueles que lutam pela subsistência. (26)

Doença ou morte são sempre motivo de pânico, constituindo fatores que geram movimentos religiosos e que proporcionam carreiras políticas a médicos e padres locais. Quem põe em risco esse bem que é o corpo, recebe alto conceito de seus companheiros, que conhecem a importância do que está sendo posto em jogo.

O risco e o valor do uso do corpo são diferenciados por sexo. As mulheres que compartilham essa ideologia, são mais sensíveis para os riscos do próprio corpo que os homens. Outro componente da ideologia é a maternidade. (27) Porém não estudei este aspecto na pesquisa. Os homens ressaltam principalmente o valor de sua força física.

Conclusão

No presente trabalho procurei demonstrar a semelhança de posição entre atividades diretamente ligadas à terra e atividades industriais. Apontei para a importância da família no quadro industrial e o papel que resulta para a mulher, decorrente da preponderância da família em seu ambiente de trabalho. Demonstrei a reprodução das condições geradas no campo que se dá pelo lugar relativamente inferior que a operária industrial desfruta, em termos de salários, benefícios trabalhistas etc... Excetua-se a educação, um caminho possível para a mobilidade, desde que existam recursos escolares na área que permitam o prosseguimento da carreira educacional.

O trabalho demonstrou, enfim, os valores em volta da divisão do trabalho na manufatura da mandioca e em uma seção da indústria de produtos cerâmicos. O papel do controle da produção, implícito nas Casas-de-Farinha, e explícito da Cerâmica Grande, vem associado ao papel desempenhado pelo corpo humano, que aparece não só como dependedor de força, mas também como valioso provedor da

subsistência. Este valor é um componente da ética masculina e da feminina.

A possibilidade de exploração das semelhanças entre empresas domésticas e industriais surgiu da substituição do modelo da revolução industrial, que proporciona uma visão do distanciamento entre atividades ligadas à agricultura e à indústria, por um modelo que ressalte a complementariedade entre as duas modalidades de produção e de suas ideologias. Desta forma pode-se comparar não só as diferenças, que mantêm entre si mas também semelhanças estruturais.

NOTAS

- (1) A classificação de propriedades rurais em área do Ceará, com características semelhantes à que estudamos, dentro dos tipos da **plantation** e da **hacienda** foi feita por Allen W. Johnson em **Sharecroppers of the Sertão**, Stanford University Press, Stanford, California, 1971. Para uma tipologia de plantations aplicáveis à América Latina veja George L. Beckford, "Economic Organization of Plantations of the third World", **Studies in Comparative International Development**, vol. 7, 3, 1973, pp. 243-263 e **Persistent Poverty**, Oxford University Press, New York, 1972, especialmente capítulo 1 e apêndice 1.
- (2) Neuma Aguiar Walker, "Condicionamentos Sócio-Culturais do Desenvolvimento Industrial do Ceará", **Revista de Ciências Sociais**, 1, 1, 1970, pp. 96-109.
- (3) Estes efeitos da industrialização foram propostos por Bert F. Hoselitz and Wilbert E. Moore (eds.), **Industrialization and Society**, UNESCO, Mouton, 1960, especialmente W. Moore's "Industrialization and Social Change". Veja também Clak Kerr, J. T. Dunlop, F. H. Harbinson and C. A. Myers, **Industrialism and Industrial Man**, 1960. Para críticas ver Manning Nash, **Machine Age Maya**, Phoenix Books, The University of Chicago Press, Chicago and London, 1967; Eric Hobsbawn, **Industry and Empire**, Penguin, London, 1971; Neuma Aguiar Walker, "O Modelo de Mudança por Detrás das Teorias de Anomia e Mobilização", **América Latina**, 3, 1969, e "Condicionamentos Sócio-Culturais do Desenvolvimento Industrial do Ceará", *op. cit.*
- (4) Neil J. Smelser, **Social Change in the Industrial Revolution**, The University of Chicago Press, Chicago, Illinois, 1959.
- (5) William J. Goode, "Industrialization and Family Change" em **Industrialization and Society**, *op. cit.*, pp. 237-255 e **Revolução Mundial e Padrões de Família**, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1969.

- (6) Sidney Greenfield, "Industrialization and the Family in Sociological Theory", *American Journal of Sociology*, LXVII, novembro, 1961, pp. 312-322.
- (7) Para uma formulação recente com a mesma perspectiva sobre a tecnologia e o papel de trabalho da mulher veja José Sérgio Leite Lopes, *Os salários das Mulheres e sua Repercussão sobre a Situação da Família da Classe Trabalhadora*, 1971, ms. Uma crítica a alguns elementos da teoria é feita por Harriet Holter, "Sex Roles and Social Change" em *Family, Marriage and the Struggle of the Sexes, Recent Sociology* n.º 4, Hans Peter Dreitzel (ed.), The Macmillan Company, New York, 1972, pp. 153-172.
- (8) Karl Marx, *Pre-Capitalist Economic Formations*, International Publishers, New York, 1966 e *Capital*, vol. I, the Modern Library, New York, 1906, capítulos XIII-XV.
- (9) **Tempo de Transformação no Nordeste**, IUPERJ, Rio, 1973, ms.
- (10) **Idem.**
- (11) Veja Moacir Palmeira, *Latifundium et Capitalisme*, 1972, ms., Otávio Velho, *Frentes de Expansão e Estrutura Agrária*, Zahar, Rio de Janeiro, 1972.
- (12) Otávio Velho, *Modos de Desenvolvimento Capitalista, Campesinato e Fronteira em Movimento*, 1973, ms.
- (13) Afrânio R. Garcia Jr. e Beatriz Alasia de Heredia, "Trabalho Familiar e Campesinato", *América Latina*, 14, 1 e 2, jan.-jun. 1971, pp. 10-19.
- (14) **Idem**, pp. 12-14 e também Otávio Velho, "O conceito de camponês e sua aplicação à análise do meio rural brasileiro", *América Latina*, Ano 12, n.º 1.
- (15) **Idem**, pp. 17-18 e Luiz de Gonzaga Mendes Chaves, "Aspecto da Estrutura Ocupacional de uma Região Pesqueira do Ceará", *Revista de Ciências Sociais*, III, 1, 1972, pp. 68-69.
- (16) Para a posição da professora em relação ao status sexual e de trabalho, veja Klaas Woortman, "A Mulher em Situação de Classe", *América Latina*, 8, 3, jul.-set. 1965. Para as indagações que estas aberturas estruturais suscitam com relação à posição da mulher na sociedade veja Joan Acker, "Women and Social Stratification: a Case of Intellectual Sexism", *Changing Women in a Changing Society*, Joan Huber (ed.), The University of Chicago Press, Chicago, Illinois, 1973.
- (17) Pierre Bourdieu utiliza este método estrutural em Sociologia, veja "Condition de Classe et Position de Classe", *Archives Européennes de Sociologie*, VII, 1966, pp. 201-223.
- (18) Neuma Aguiar, *Totem e Tabu no Nordeste*, IUPERJ, Rio de Janeiro, 1973, ms.

- (19) Pierre Bourdieu, "The sentiment of honour in Kabyle Society", **Honour and Shame, the values of mediterranean society**, J. G. Peristiany (ed.), University of Chicago Press, Chicago, Illinois, 1970.
- (20) Esta dimensão política da organização social do trabalho é revista por Morris J. Blachman, **Eve in an Adamocracy**, Occasional Papers, n.º 5, New York University, 1973, ms.
- (21) Afrânio R. Garcia Jr. e Beatriz Alasia de Heredia, *op. cit.* p. 18.
- (22) Marcel Mauss, "Les Techniques du Corps", **Sociologie et Anthropologie**, P.U.F., Paris, 1968, 4.ª ed.
- (23) Para outra descrição do processo veja L. F. Raposo Fontenele, **Rotina e Fome em uma Região Cearense**, Imprensa Universitária do Ceará, Fortaleza, 1969, pp. 51-62.
- (24) Robert Hamblin, "Mathematical Experimentation and Sociological Theory: a Critical Analysis", **Sociometry**, 1971, vol. 34, n.º 4, pp. 423-452 e Robert Hamblin and Carole Smith, "Values Status and Professors", **Sociometry**, vol. 23, n.º 3, set. 1966, pp. 183-196.
- (25) Robert Hamblin, *op. cit.*
- (26) Sobre o valor consignado ao corpo entre moradores da "plantation", principalmente no que diz respeito a doenças, veja Ligia Sigaud, **A Nação dos Homens**, Museu Nacional, Rio, 1971, ms.
- (27) Evelyn P. Steves, "Machismo and Marianismo", **Society**, 10, 6, set.-out., 1973, p. 63.